

Os automóveis, poucos àquela hora, vão parando lentamente. Grupos de populares, em semicírculo, juntam-se silenciosos defronte de um pequeno prédio na Rua de São Bento, em Lisboa: o número 193. São cinco da madrugada.

O céu começou a clarear e a cidade a recortar-se. Mulheres e homens adiam o caminho, suspensos, ali, por uma voz em ecos abissais. O ambiente ganha vibrações fantasmáticas.

Pouco antes de morrer, Amália, Amália Rodrigues, a genial cantora do século xx, refugia-se, doente, nos seus discos, que repete continuamente, obsessivamente – contra a dor e a inquietação. As últimas noites são passadas assim. Sem dormir, ela ouve-se, ouve-se, e a voz sai pelas janelas, e envolve os que passam, maravilhando-os, dilatando-os.

Uníssona, a multidão reventará depois em aplausos, desconcertando Amália, que se ergue, se dirige à varanda, se acena sob sorrisos em lágrimas. Milagres aconteceram-lhe sempre, que inexplicável lhe foi o destino – sempre.

DIVINDADE PAGÃ

As excepcionalidades reveladas por Amália depressa a tornaram uma personalidade capaz, a nível do simbólico, de nos projectar universalmente. Predestinada ao superior (o superior da criatividade, da comunicabilidade), passou a vida a assumi-lo através da sua exigência e inteligência, tornando-se uma das mátrias do nosso património cultural. Pessoas como ela são entes que chegam disponíveis, sabem encontrar caminhos, abrir futuros, afirmar liberdades, diluir decepções, sem cedências, sem desistências; entes para quem a qualidade se tornou, mesmo quando a memorizam, lha menorizam, matriz de tudo.

Personalidade de acrescentamentos, ela conciliou como poucos sonho e desejo, pensamento e acção, harmonia e ruptura, compromisso e independência, individualismo e universalismo. Entre a realidade que lhe coube partilhar e a imaginação que lhe coube dilatar, Amália foi vivendo, ardendo sob a ondulação dos tempos, tempos que a não azedaram nem adamaram; tornaram-na, pelo contrário, mais lúcida e depurada, fazendo-a perceber que era maior do que os meios onde emergira.

«Procurei sempre palavras e pessoas que tivessem peso para mim, daí a importância que dei aos grandes criadores», afirmará.

Mostra um papel onde escreveu: «A minha inquietação é feita do que eu sofro nos outros, do que eu sofro dos outros» – um verso, talvez, para um fado seu, talvez.

Amália fez mais «pela poesia portuguesa do que a maior parte dos especialistas», lembra David Mourão-Ferreira, um dos seus autores preferidos. A poesia tornou-se-lhe desde cedo um universo de bons recantos. Lia tudo, decorava tudo. No fim da vida, perdida a voz, escrevia versos soltos, apontamentos de cariz humorístico, pensamentos de natureza filosófica. A poesia e a filosofia eram-lhe umbrais de funda intimidade. Publicou, por iniciativa de Vítor Pavão dos Santos, um volume de poemas (com o título de *Versos*) e vários discos com letras suas.

Estrela Carvas, sua amiga (e secretária, motorista, governanta, confidente), apanhava os escritos abandonados por ela, guardava-os, compilava-os, o que permitiu reter um património preciosíssimo.